

# GABRIELA MACHADO

## Pintura

31 OUT - 29 NOV 2008

Gabriela Machado nasceu em 1960, em Joinville, Santa Catarina, Brasil. Graduiu-se em Arquitectura e Urbanismo pela Universidade de Santa Úrsula, em 1984 e na Escola de Artes Visuais do Parque Laje, RJ. Elegeu a pintura como técnica principal, explorando nela uma vertente eminentemente gestual: nas suas composições, situadas entre o abstracto e o figurativo, é visível o movimento intrínseco ao acto de pintar, não esquecendo o apelo da cor e da matéria.

Presente em grandes colecções brasileiras, como as de José Mindlin, Fundação Castro Maya e Gilberto Chateaubriand, a obra de Gabriela Machado alcança gradualmente novos espaços fora do país. A Neuhoff Gallery (NY) inseriu o trabalho da artista em duas coletivas – uma delas, *The Gesture*, com conceituados pintores americanos como Frank Stella e Franz Kline – e realizou uma individual sua em 2002.

Em Janeiro deste ano, a artista mostrou o seu trabalho na ARCO'08 em Madrid – edição em que o Brasil foi o país convidado – com grande sucesso crítico.

Durante os últimos três anos Gabriela Machado quis entender a luz através das tintas. Há um ano, chegou ao ponto que queria - “Cheguei a um trabalho de toda vida”, comenta a artista. Alguns desses trabalhos são agora apresentados em Lisboa, na Galeria 3+1, naquela que será a sua primeira exposição individual em Portugal.

O impacto destes novos quadros aumenta ainda mais diante do processo da artista. Após uma profunda imersão estudando mestres clássicos como Vermeer e Manet, Gabriela Machado iniciou a série com um repertório de cores inteiramente novo para ela. Gabriela caminha sobre a tela, que é deitada no chão, e aplica directamente sobre ela a sinfonia de espessas camadas de tinta. Jamais leva para o dia seguinte a conclusão de um quadro. Pinta de um só fôlego cada um deles que, prontos, desafiam o espectador a saber onde foi o ponto de partida e o fim. “O olho faz o meu corpo andar. Não acompanho o que está saindo. São grandes novelos que se fazem e se desfazem com uma fluidez topológica. Ao mesmo tempo em que existe a espontaneidade e a permissão para ser solta dentro dessa grande área, é preciso também exercitar uma enorme disciplina” (GM).

Sobre a sua obra Ronaldo Brito, um dos críticos brasileiros que melhor a acompanhou de perto, comenta: “A força de atracção imediata dessas telas, muito pequenas ou muito grandes, vem da acção espontânea de uma tinta que parece surgir do nada para revigorar o nosso pálido ou ácido quotidiano.”

**Texto sobre a poética, por Gabriela Machado**

*As pinturas falam de um olhar sobre as coisas do dia a dia, da investigação deste olhar sobre as formas orgânicas, topológicas, instigando o olhar para encontrar novas maneiras de construir a imagem.*

*A construção da minha poética dá-se através do estar no espaço com todas as coisas que irão construir uma nova relação com a forma, com estes objetos do dia a dia, colocados no espaço de diversas formas para que justamente se crie um novo olhar sobre estes acontecimentos.*

*Venho do desenho, as minhas pinturas são feitas e olhadas pelas bordas, a construção da forma dá-se pela linha e depois pelo excesso de tinta que chega a formar tufo de cor que se constroem dentro deles mesmos...o fundo das telas sempre limpo como se fosse uma grande folha de papel. No processo, as pinturas passam de uma para outra por efeito de propagação, são séries fechadas, cascas..., olho para as cascas das frutas sempre empilhadas que se formam dentro delas mesmas...*

*As pinturas têm que ser grandes, pois o espaço é público, é do corpo e não da mão, o gesto passa pelo olhar e é traduzido pelo corpo, é quase um transe pictórico. Preciso envolver-me com a tinta e estar dentro do espaço ocupado pelos objectos escolhidos, às vezes é só uma pequena casca de tangerina colocada no espaço – interessa-me muito olhar na direção de uma pequena forma e transformá-la através do movimento numa grande natureza morta, fora da perspectiva em que estamos habituados a ver.*

*Hoje as pinturas falam desta relação do pequeno olhar para uma atitude de excesso seja pela matéria da tinta ou pelas cores. Estas não possuem um a priori, são lançadas directamente no espaço da tela, não penso nelas, sinto e envolvo-me com a construção do olhar, e, no fazer, estas cores vão-se misturando e criando novas cores numa relação sem retorno. Não posso fazer retoques, tudo se dá de uma forma muito directa como se a cor tivesse que cair no lugar certo. (Gabriela Machado, Setembro 2008)*